

O BRASIL ILUSTRADO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

BIBLIOTECA NACIONAL
S.R.R.



Córc e Wabroby.
6 meses 8.000, Um anno 16.000.
As oito paginas avulsa 1.000.

N.º 5. Vol. I — Domingo 15 de Julho de 1855.

Escripçorio, rua d'Ajuda, 79.

Províncias e Exteriores :
6 meses 10.000, Um anno 20.000.
As dezasseis paginas avulsa 2.000.

SUMMARIO.

O Sr. Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá. (Continuação.) — SCIENCE. Astronomia, Resumo Histórico. Montes de gelo. — POESIA. A ave do amor. — VARIEDADES. Passos ao aquaducto da Carioca. Men sozinho. Observações curiosas. (Continuação.) — Revista da quinzena. — GRAVURA. Vista do porto e interior da cidade de Balachava.

O Sr. Irineu Evangelista de Souza,
Barão de Mauá.

BANCO MAUÁ. — EMISSÃO DE VALES AO PORTADOR.

(Continuação.)

Considerada a questão portanto pelo lado legal, venho justificado o procedimento do Banco « Mauá e Mac-Gregor » : agora se a encararmos pelo lado economico, teremos então em vista si, bilhetes ao portador e a vista, ou com prazo diminuto, emitidos por uma sociedade collectiva, podem fazer as vezes de moeda, tendo curso em commun por intermedio de livre concurrence, quer com a moeda papel do estado, quer com a dos bancos de emissão e circulação por elas autorizados, e se outro sim, disso porviria uma influencia perniciosa sobre o movimento dos valores e a depreciação da moeda legal, contribuindo para o desaparecimento do numerario, subida nominal dos preços, enfim, contrariando em lugar de proteger, o curso das transacções commerciais.

Não é possível, tratando-se de questão de tanta magnitude, deixar de entrar em considerações sobre matérias de economia política de subida importância relativas a semelhante questão, das quais depende o poder ella ser apreciada por uma maneira clara e precisa, isto é, evidentemente discutida. Concio disso, perguntarei pois : — A sociedade em commandita « Mauá, Mac-Gregor e C. » a que se dedica ? A operações bancarias, para o que se acha legitimamente constituída ? O que é o comércio de banco ? — É o regulador de todos os outros ; e entre as nações civilisadas na actualidade a base

necessaria de todas as transacções mercantis e de todos os movimentos industriais, pois que tendo os bancos por objecto o jogo das moedas e dos metais preciosos, para se popular com o trabalho, fazem por conseguinte com que esse fructifique e se desenvolva cada vez mais, reproduzindo dest'arte novos meios de se aumentarem as riquezas de uma nação.

Sí em these são estes os objectos a cargo dos bancos, sí por tal merecem pois a protecção dos governos e de inteira liberdade em suas operações todas as vezes que elas não forem abusivas, não exorbitando a natureza de suas funções, perguntaremos ainda, qual será o meio de se reconhecer si elles exorbitam tornando-se então prejudiciais ? Atendendo-se aos objectos de suas operações, de certo que será analysá-las sem seus elementos, definindo o que é que se chama riqueza, capitais, moedas ao que vou proceder do modo mais hecônico que me for possível para não prejudicar a clareza da materia.

A accepção em que abstractamente se toma o que se denomina riqueza, é pelo ordinario considerando-se semelhante palavra como que exprimindo o conjunto de todas as coisas que contribuem para a satisfacção dos desejos do homem no estado social, as quais elle apropria a seu uso conforme suas necessidades e fantasias. A riqueza assim definida, enverga-se que deve ser sempre o producção de um trabalho em que o homem tomou parte, quer individual ou collectivamente, formando-lhe a natureza, a matéria prima, mas devendo ao fructo daquelle trabalho sua maior ou menor utilidade ; constituindo-se assim o objecto da propriedade de um individuo ou de muitos, os quais a transformão, a transportão, ou a consomem mediante um direito garantido que exclue a participação de outros individuos de sua posse se não compensar o trabalho alheio pelo resultado do seu proprio, sob qualquer accepção que este se tomar legitimamente exercido. Ora é sabido que a utilidade da riqueza depende tanto das necessidades imperiosas como dos caprichos do gosto criados pela imaginação ; o seu me-

rito é pois absoluto ou relativo ; consiste nas exigencias da vida em todas as suas phases, bem como na apreciação e na estima que lhe presta a opinião dos homens, a qual tambem varia conforme os tempos, os lugares, as circumstâncias, as quantidades, os diferentes povos e os diversos individuos de nosso globo.

Como todas as pessoas se não podem dedicar por muitos motivos ao mesmo genero de trabalho, disto resulta portanto uma diversidade nas riquezas, e uma divisão na sua propriedade, assim como a necessidade que uns tem dos outros estabelecendo permutes para reciprocamente se adquirir o fructo do trabalho alheio, quer de momento quer do lavra anterior. O modo de se fazer semelhante aquisição mediante compensação da permuta, estabeleceu ainda mais uma nova necessidade, a qual foi a de comparar entre si os objectos a permutar, calculando sua igualdade e sua utilidade absoluta e relativa, nascendo disto uma estimativa, as mais das vezes convencional ou de circunstância, que se denominou « valor. » Nessa estimativa, por effeito de comparação, é claro que a relação que devia de regular o denominado « valor » deveria perder tanto mais para com um objecto quanto ganhasse para com um outro, ou outros submetidos a permuta, resultando disso por conseguinte que na concurrence para o jogo dos escâmbios se cimentasse o que se chamou « valor corrente, » isto é, o valor dado a uma cousa, que se não aprecia tão somente pela medida dos desejos ou das conveniências de um unico individuo, porém sim pela estimativa commun de um grande numero delles. Então igualmente a palavra « valor, » não exprimiu mais tão somente a relação parcial que existe entre uma cousa e tal ou tal homem de quem atrahe os desejos, porém sim a relação geral que existe entre a potencia de troco desta cousa e a potencia de troco de uma outra cousa à qual aquella se compara. Então com razão, se diz, que, o valor corrente de um objecto, resulta da relação que existe entre a offerta e a procura dello em uma apreciação geral ; porém atendendo-se sempre

que a *moeda*, em qualquer caso, provém não só da existência de tal ou tal quantidade de mercadoria que se vende, mas também do desejo de trocar que existe na sociedade das pessoas da mercadoria a que se quer trocar, pelo seu valor da *procura*, que, pelo modo como exprime a intensidade do desejo que existe entre aquelas que carecem de obter a importância que ligam ao que oferecem ou procuram.

Isso posto, pode-se dizer, que, a utilidade das moedas, tomada no ponto de vista geral, mesmo económico, valor das riquezas exprime sempre uma razão inversa a essa permuta, pois que nesse caso a utilidade é constante relativamente à sua intensidade portanto, as riquezas subindo a sua utilidade, deixam-se pôr-las em razão de sua intensidade, porém quando se assiste a um ponto de vista dos particulares, então é justificável dizer que o economista conta o seu valor, ou a sua utilidade relativa; todavia em um outro sentido convém sempre buscar-se a fazer com que as riquezas tendam a confirmar-se o mais possível na prestação desses bens, isto é, porque seria isso signal de que na medida das suas riquezas, das escassezes, de que o resultado é feito de tornar-se a propriedade de cada vez mais e mais a de proporcionar a de uma maioria outras, ou seja, o valor de cada coisa a sua utilidade, o que tem um tanto alcance social, principalmente em uma época em que se tem por inerteria da maior divisibilidade do dinheiro a conveniencia de todas as invenções que se põem adiante na partilha dos bens.

Assim entendidas da concepção em que se deve pensar, é atar que ligamos a palavra riqueza, a todos também de que sua utilidade absoluta é troco, no ponto de vista geral e avaliada independentemente de sua potencia de troco; no entanto que no ponto de vista particular positivamente considera por seu valor, isto é, pela sua propriedade que é da possuir não só de satisfazer as nossas necessidades, porém no mesmo tempo pela aplicação que quisássemos a todos os objectos que constituem a cognoscência riqueza de ser, em permuta de aplicações que no ponto de vista particular exprime a intensidade da utilidade relativa ou o valor, para que se consuma outra e outra confundem-se perfeitamente quando semelhante valor assumido é da moeda, pois que então nessa se torna a medida económica para tudo, por servir de termo de comparação a todos os objectos como agente intermediário de suas serventias, o que faz substituir a cada das coisas pela sua *renda*, determinando portanto o seu *valor*, pelo que se denominou *preço*; podendo-se assim pelo uso da moeda comprarem-se coisas, que não terão entre si uma relação sensível, e que por esse modo a obtém pela intervenção de uma razão numérica que nosso espírito para logo apreciar, contribuindo isto ainda, para que a alegria abstracção de *valores* revestisse uma acepção agradável e tangível por todas as intelligenças.

Isto posto, deve-se atender que, tratando-se da moeda ser o representativo da riqueza, pode induzir-nos a certos erros que convém esclarecer porque sera isso conducente ao propósito que nos serve de objecto. Deve-se primeiro dizer que tudo não esquecer-se que semelhante medida é imperfeita, pois que a moeda é também uma mercadoria cuja valor ainda que pouco alterável no entanto muda segundo as variações da oferta e da procura; que outro sim, embora ella não seja destinada para consumo por si somente para ser trocada, todavia é justificável em vista que se não pode tomar como medida de valores senão o que tem em si um valor real, ou o que é recebido no comércio em troco de outros valores. Importa muito portanto que ella seja feita de ouro, prata, ou qualquer substância preciosa, rara, pouco alterável e susceptível da maior divisibilidade, encerrando sobre um volume e peso mediocre um valor considerável, condições que tanto mais devem ser satisfeitas quando sua emissão provenha dos actos dos gover-

nos, pois que os prestígos do crédito não sendo inherentes aos atributos do poder serão quando lhe garantem os particulares, bem sabido e como a experiência própria nos provam, que embora de certos e em alguma valor a objectos que não o possuem, tornando por exemplo aptos a solver dívidas particulares e as contumâncias públicas, pelo mezzo de cunha forjada, ou moedas metálicas de título e peso reduzidos, no entanto manifestando-se com isso alguma de valores reais, torna-se para logo impossível ao espírito adotar a existência de valor, pois não havendo outro paralelo representativo de um objecto valioso se não outo objecto de igual valia servindo-lhe de base; por que atribuir a alguma coisa um valor que a opinião pública livre lhe nega, e na verdade alor em seus elementos o edifício do crédito; o que vice-versa não sucede, logo que essa opinião por intermédio da confiança, que não é justamente em tal caso mais do que a sanção da vontade unânime ou da maior parte das interessadas, garante a qualquer objecto semelhante conceito, porque então, como o valor empregado sob a forma de moeda é essencialmente inativo, então, e moi dito, é evidente que se pode conseguir fazer as mesmas permutas com um emprego menor de moeda, realizando-se assim um progresso económico, e obstante disso mesmos serviços com menor despendio. Assim conseguindo-se, não há dúvida, o poder de usar-se a moeda de alguma sorte suprimindo o seu emprego e mais possível eficiendo signaes fiduciários, porém sempre na hipótese de que as propriedades essenciais da moeda, de que semelhantes signaes são os representativos não tem sido alteradas, e que o valor metálico precioso em sua expressão, e realizável logo que se quer.

Isto admitido, tome-se uma sociedade qualquer que seja em um momento dado, com hábitos determinados, e vendose que ella tem necessidade para seus escâmbios de uma certa quantidade de moeda que mais ou menos pouco valia, e igualmente de uma outra porção, também pouco variável, para enthesouramentos ou fundos de reserva; calculado isto, poderemos concluir que, embora obedeça a moeda como todas as demais mercadorias a lei geral da oferta e da procura, e seu preço corresponda ao dos metos preciosos com que é feita, e sua quantidade tanto mais se proporcione as necessidades, quanto mais o preço dos metos amoldados se aproximar do das barras; embora outro sim, o pedido dessa mesma moeda possa aumentar também, ou seja pelo acréscimo das permutas, ou seja por uma mudança nos usos, tal como a substituição de vendas a prazo por vendas a vista, etc., etc., poderemos no entanto concluir, como dizia, que, manifestando-se nos mercados regulares, uma alta ou baixa das moedas, necessariamente, até um certo limite, por uma baixa ou alta, isto é, em sentido ou razão inversa, no preço das mercadorias; supondo que pela venda, todas as mercadorias vem medição, de algum modo equilibrar-se com a moeda; descendo de preço quando o dela sobe, e vice-versa, dando-se semelhante circunstância, todas as vezes que o curso regular dos escâmbios nos mercados e garantido por uma moeda creditada; manifestando pois semelhante facto, toda e qualquer crise comercial em nada será de assustar; pois que os saques sobre outros mercados, depressarão entrar a moeda, se ella subir de preço, no curso ordinário de seu valor, mediante tão somente algumas alternativas dos cambios. Dizendo: « quando o curso dos escâmbios é regulado por uma moeda creditada: » note-se, que é na verdade facto provado que a baixa do preço das moedas facilitava não só a solvência dos devedores, e a execução dos contratos de crédito, imprimindo também actividade aos negócios, fazendo descer a taxa dos juros, elevando o valor das riquezas fixas; enquanto que a alta do preço das moedas produzia efeitos contrários; contudo semelhante baixa, como disse, não deve exceder certos limites, porque nesse caso o capitalista e o vendedor de fazen-

das a prazo ele, etc., observando que a moeda tende ainda a descer rapidamente, não pedindo prever qual sera o seu parateiro, busca para logo converter seus capitais em mercadorias, e se recusa a entrar em contratos a crédito; então esses se estabelecem não mais em moeda, porém em mercadorias de um curso menos variável e a uma taxa de risco elevado; como sucedeu por exemplo em França no tempo posterior ao sistema de Luis, e depois na época da circulação dos *assignats*; na Áustria, na Rússia, e finalmente em Buenos Ayres, que até a actualidade, e entre nos no Brasil, antes de se ter melhorado o nosso meio circuante, etc.

Ora, si semelhantes considerações em quaisquer dos casos precedentemente descriptos, por experiência própria, nos podem servir de *Crisométrico*, poder-se-á asseverar com justeza, que, se em em momento de crise, por escassez ou descrenço monetário, houver uma alta de preço para as moedas de metos preciosos, apparecesse então alguém, que pela intervenção de seu crédito, emitindo valores fiduciários, fizesse face a essa crise, evitando as realizações violentas etc., etc., poder-se-á dizer, economicamente falando, que semelhante homem tinha tanto emprego abusivo de um condão, cuja prestigio servia de egide ao commercio e ao país no momento do perigo?.. De certo que não! Antes, ao contrario sustento que se devia afirmar, que, elle compensando dos recursos do país em que exercia suas operações de crédito; reconhecendo pelo exame dos factos quais as causas da crise e os meios de a combater, por em prática, digna de louvores, uma dessas medidas económicas altamente aconselhadas pela scienteia, as quais por vezes tem servido de salva guarda a diversos mercados para se preservarem das consequencias, principalmente do desconhecimento de um meio circuante elevado de vicissitudes de corrigirem-se; como *certo gratu* aconteceu em Inglaterra, quando por occasião da dura irregular e sucessiva de sua moeda em 1797 a 1814, e da alta que durou de 1814 a 1821, em épocas em que as enormes despezas do governo, traduzido-se por emissões de papel de curso forrado, davam alterações nos títulos da moeda, enfatizando devido ao gasto, principalmente os seus haberes banqueiros e industriais, ali se conseguiram quasi por milagre manter uma especie de equilíbrio approximativo entre a depreciação do papel moeda e o crédito, e isto por tal modo, que, se chegou a dizer e a escrever, que o credor tinha recebido mais sedez com o choque dos mestres actos que tendiam a destruí-lo. Prova evidente que na confiança que a opinião pública garante aos particulares, e que se apoia em toda a parte o crédito do Estado; que competindo aos governos pelo direito de soberania emitir a moeda, ou o seu representativo, contudo nas bases do crédito particular e que se cimentam os alicerces do crédito publico, muito principalmente em um encargo de quarenta e seis mil contos de papel moeda, legado de um passado ominoso, mas no qual organiza as espécies ou valores em ouro, prata e objectos preciosos existentes no Brasil, em duzentos e vinte oito mil contos, conforme disse, os produções da nossa numeraria, a moeda e obras importadas do exterior, pelas alternativas da balança do commercio, fazem com que se conservem mais ou menos nos nossos mercados, tornando-nos portanto, comparados semelhantes valores, com os treze milhões do resto do mundo, pouco mais ou menos, uma quinagésima setima parte das riquezas fluctuantes, parece que com isso podermos manter muito a vontade no Brasil, um numerario equivalente às exigências de seus mercados; não carecia o afora isso em relação a semelhante quota monetária, também pouco mais ou menos, senão de um suprimento anual de cento e tantos contos de reis em metais preciosos, visto que, avaliando-se em cento e sessenta mil contos de reis a quantidade de numerario exigida pelos mercados do globo para ser empregada como meio

circulante, fazendo-se com isso face a todas as transações; e calculando outro sim, em cento e dez mil contos, os valores necessários ao consumo em joias, não avaliando Mac-Callock, em mais de 1 p. 0/0 as perdas sofridas anualmente também em toda aquela importância, parece que approximadamente o suprimento indicado nos seja suficiente.

Continua.]
LUIZ ANTONIO DE CASTRO.

SCIÉNCIA.

Astronomia. — Resumo Histórico.

Il y a extrêmement loin de la première sue du ciel, à la vue générale par laquelle on embrasse aujourd'hui les états passés et futurs du système du monde. Pour parvenir il a fallu observer les astres pendant un grand nombre de siècles; reconnaître dans leurs apparences les mouvements réels de la terre, s'élever aux lois des mouvements planétaires, et de ces lois, au principe de la pesanteur universelle; redescendre enfin de ce principe, à l'explication complète de tous les phénomènes célestes, jusqu'aux leurs minuscules détails. Voilà ce que l'esprit humain a fait dans l'astronomie. L'exposition des découvertes et de la manière la plus simple dont elles ont pu naître et se succéder, aura le double avantage d'offrir un grand ensemble de vertes importantes, et la vraie méthode qu'il faut suivre dans la recherche de bon de la nature.

(LAPLACE, *exp. do syst. do mundo.*)

A historia da astronomia oferece tres periodos bem distintos que se referem aos phenomenos, as leis que os regem, e as forças de que dependem ossas leis. O primeiro abrange as observações dos astrónomos que precederão a Copérnico sobre as apariências dos movimentos celestes, e as hypotheses que imaginaria para explicar essas apariências e submetel-as ao cálculo; no segundo, Copérnico fez conhecer os movimentos da terra sobre si mesma e em torno do sol, e Kepler descobriu as leis dos movimentos planetários; enfim, no terceiro, Newton apoiando-se nessas leis, descobriu o princípio da gravitação universal, e os geométrias aplicando a analyse a este princípio, delle derivaram todos os phenomenos astronómicos e as numerosas desigualdades dos movimentos dos planetas, dos satélites e dos cometas. Consideraremos os factos mais notáveis desses tres períodos.

1º Período.

Da astronomia antiga ate Copérnico.

A origem da astronomia, é por assim dizer, causa da existência do homem sobre a terra. O imenso espetáculo do céo, nos bellos climas da Ásia, incitava tal sem dúvida fixar a atenção dos primeiros homens, e oferecer-lhes, para satisfazer as necessidades da agricultura, um meio natural de conhecer a ordem e o retorno das estações.

É indubitable, diz Cassini, que já na primeira idade do mundo, os homens tinham feito grandes progressos na sciencia do movimento dos astros: podes se-ha mesmo afirmar que elles possuirão iniciais conhecimentos do que houve largo tempo depois do diluvio, se é certo que o anno de que se serviam os antigos patriarcas foi o periodo luníscalar de 600 anos, mencionado nas antiguidades dos judeus, escrítas por Joseph. Buffon estudando as épocas da natureza, e Baily discutindo a fundo tudo o que é relativo à origem e progressos da astronomia, provaria com effecto a existencia ante-diluviana de um povo digno de nossos respeitos, como inventor das sciencias, das artes e de todas as instituições úteis. Porém, certamente por uma dessas revoluções que soem destruir em poucos annos o fructo dos trabalhos de muitos séculos, dos altos conhecimentos deste povo, cujo nome ignoramos, mas que fortes conjecturas indicam ter habitado o centro da Ásia, entre os paralelos de 40 e 55 graus de latitude, restão apenas alguns destroços que fazem quasi todo o saber da antiguidade, desde os índios e os chaldeos até Hippocrate.

A determinação de dois períodos bem notáveis, o ciclo-lunar de 19 annos, existente na China muitos séculos antes de ser introduzido por Meton no calendário grego, 430 annos antes de Jesus Christo, e o ciclo-huit-solar de 6000 annos contínuo entre os chaldeos, e cuja exactidão foi celebrada por Cassini no século 17, os métodos usados na Índia para calcular os eclipses, e para achar os diametros do sol e da lua: a distribuição das estrelas em constelações, as divisões do zodiaco: a obliquidade da eclíptica; a medida da circunferência da terra; finalmente, as opiniões sobre o retorno dos cometas, e sobre o verdadeiro arranjo dos corpos celestes, são os preciosos restos de uma astronomia muito aperfeiçoada que podemos distinguir por entre o montão de fabulas, prejuízos e erros, das antigas nações establecidas logo depois do diluvio.

E impossível adquirir noções positivas sobre o estado da astronomia na Índia e na Persia: porque sua origem está envolvida, como entre todos os povos antigos, nas trevas dos primeiros tempos de sua história. Contudo as tradições indianas relativas ao sol, a lua e aos planetas, supõe um grande numero dos principios necessários para a formação dos almanãks actuais: elas remontão, segundo Laplace, aos annos 3102 e 1491 antes de Jesus Christo.

Nos annos da China se encontrão as mais antigas observações que podem interessar a astronomia. As que deram para o anno solar a duração de 365 d. 1 A proximamente, e 235 lunas para 19 desse annos: as de Tchêou-Kong do anno 1100 antes de Jesus Christo, que comparadas com as de Pytheas, feitas 750 annos depois, e com as dos modernos confirmão a diminuição sucessiva da obliquidade da eclíptica: são as únicas conhecidas escapas do incêndio dos livros chinezes ordenado pelo imperador Tchi-Koanti, no anno 230 antes da nossa era.

As primeiras observações dos chaldeos de que temos notícia, datam dos annos 719 e 720 antes da era christa: fôrão três eclipses da lua, que servirão mais tarde à Hippocrate e a Ptolomeu para determinarem aproximadamente o movimento desse astro. O periodo de 233 lunas, denominado *saros*, que marca a volta da lua quasi à mesma posição a respeito de seus nodos, do seu perigeu e do sol, não tem origem assignalada na historia, entretanto pressupõem uma longa série de observações comparadas entre si e discordadas com muita sagacidade. E' provável que os chaldeos tivessem medido a terra: porque diziam que seria preciso um anno para percorrer a sua circunferência a passo; o que se aproxima da verdade.

Alguns philosophos chaldeos fizeram uma ideia assaz justa da ordem e da imensidão do universo, opinando que os movimentos dos cometas regulados, como os dos planetas, por leis imutáveis, mas para comprehendêrem o verdadeiro sistema do mundo faltava-lhes o que melhores observações e a teoria da atração universal manifestariam a seus sucessores. «Os chaldeos, diz Baily, nasciam a astronomia acumulando factos, preparando matérias para o edifício do mundo; são para nós os restauradores dessa sciencia; o de então resultado não mais tem sido interrompido.»

Ignora-se a que ponto chegou a astronomia dos egipcios antes da fundação da escola de Alexandria: porém as direções das faces de suas pirâmides para os quatro pontos cardinais, a duração do anno civil, a do período solâneo ou ciclo canicular, e sobre tudo, a previsão da verdadeira marcha de Mercurio e de Venus, dão uma ideia vantajosa da sua maneira de observar.

Na Chaldea e no antigo Egypto, diz Laplace, a astronomia só foi cultivada nos templos por sacerdotes, que fundariam sobre ella as superstições de que eram os ministros. A historia fabulosa dos heróes e dos deuses, que apresentavão a credula ignorância, era uma allegoria dos phenomenos celestes e das operações da natureza, allegoria que o poder da imitação, um dos principais meios do mundo ma-

ral, tem perpetuado até nos nas instituições religiosas. Aproveitando-se para considerar seu império do desejo tão natural a espécie humana, a conjecturar o futuro, criavam a astrologia. Esta falsa sciencia, cara ao amor proprio do homem, e necessária a sua ansiosa curiosidade, subsistiu ate o fim do século 17, época em que o conhecimento do verdadeiro sistema do mundo geralmente divulgado a destruiu definitivamente.

Os gregos foram discípulos dos Egipcios. Thales, nascido em Mileto no anno 641 antes de Jesus Christo, pode ser considerado como iniciador da astronomia na Grecia. De volta de suas viagens pelo Egypto, creou a escola jônica: ensinou a experiência da terra: a obliquidade da eclíptica, e a verdadeira causa dos eclipses do sol e da lua. Aneximandro e Anaximenes, introduziram na Grecia o uso do gnomon e das cartas geográficas. Anaxagoras e todos os filósofos gregos seguirão as doutrinas de Thales, com inúmeras modificações, ate o estabelecimento da escola pythagóriana.

Cont. na.

DR. J. C. DE CARVALHO.
Capítulo de engenharia.

Montes de gelo.

As neves perpetuas são submetidas, durante o estio, a uma fusão incompleta, que as converte em gelos ligeros chamados neveiras. Estas neveiram entram para os corregos e vales estreitos montes de gelo, que descem abaixo da linha das neves perpetuas, tanto quanto as montanhas são mais elevadas, e mais frio o clima. Na Suíça, na Suissa, os montes de gelo que mais alto descem, são os dos Bossons, da Brena, d'Altsch, e de Grindelwald: elles provêm do monte Branco, do monte Rosa, e dos Alpes-Berneses. No termo medio, sua extremidade inferior é em 1.230 m. acima do nível do mar.

No norte o abaixamento da temperatura compensa a altura das montanhas. E assim, na Noruega, sob 61° de latit., os montes de gelo descem a 400 m., e em Spitzberg deslizam ate a borda do mar.

O poder dos montes de gelo na Suíça é de 10 a 40 m., e o dos de Spitzberg é 30 a 120 m. Em um e outro país contribuem elles a restituir ao oceano uma parte de agua, que se evapora continuamente para sobre o continente cair no estado de chuva, ou neve.

No estio os montes de gelo de Spitzberg desabam sem cessar nas ondas, que derretem suas bases a medida que se achão em contacto com as águas: dali vem o numero immenso de gelos fluctuantes, que cobrem os mares polares.

Os montes de gelo da Suíça dão nascimento a grandes rios, taes como o Rhodano, o Rhenio, o Tessino, que vão desaguar no Oceano, ou Mediterrâneo.

Os montes de gelo são animados de um movimento de progressão, que faz sem cessar avançar sua extremidade inferior. No verão se derretem pela extremidade inferior, e estabelece-se um equilíbrio mais ou menos perfeito entre a fusão e a progressão.

Numerosas fendas, umas largas, outras estreitas, sulcam os gelos. Em Spitzberg são aderentes ao solo: na Suíça, porém, a ação simultânea das fontes de agua, e do calor atmosférico derretem, dando nascimento a essas belas aberturas, que fazem a admiração dos viajantes.

Penetrando-se sob um monte de gelo, vé-se que elle não está em contacto com a rocha subjacente, e delle separado por calhaus, e cascalho provenientes das partes superiores da montanha. Por baixo destes cascalhos acha-se, que a rocha é polida, e erosionada. As estradas são paralelas ao exo grande do monte de gelo: e quanto mais molle e a rocha, tanto mais profundas são elles.

Nas vizinhanças dos montes de gelo, se acham também rochas arredondadas, polidas e estritadas.

A maior parte dos montes de gelo tem na super-

ficie cumulos de pedras, que cahem das montanhas vizinhas, e em seu movimento de progressão as arrastão consigo ate pô-las a seus pes. Estas pedras são designadas pelo nome de *rocas erráticas*. Quando é grande o numero delles na superficie do gelo, constituem as *orlas medianas*; acumuladas nas bordas, as *orlas laterais*, e depositas na extremitade inferior, as *orlas terminais*. Algumas vezes estão estes montões de pedras sobre um pedestal de gelo. Chamam-se *meios de gelo*; porque o nível geral abaixou pela fusão, e pela evaporação, em quanto que o montão de pedras preservou destas influencias o gelo, que cobria.

Jamais se achão corpos estranhos no interior dos montes de gelo da Suissa; todas as pedras que cahem nas fendas, são, na apparencia, repelidas para fora, mas, na realidade, e o nível do gelo, que abaixa, e chega até o da pedra, que então se acha na superficie.

Nos montes de gelo de Spitzberg, e nas neveiras da Suissa, vê-se montões de pedras entrincheiradas no gelo.

Não se achão somente montões erráticos em torno dos gelos. As planícies da Suissa, e o Jura são cahertos de pedras graníticas, que provém dos Alpes. Nas planícies da Alemanha, da Russia, dos Países-Baixos, nas costas da Inglaterra, e da Escócia encontram-se montões de pedras originares dos Alpes Scandinaivos. Estas massas tem sido transportadas, ou pelos gelos fluctuantes, ou pelos montões de gelo mesmo inócuos. Ambas as opiniões são sustentáveis.

Perto da embocadura do Lena na Siberia, achou-se conservado no gelo um elephante de certa espécie, que não existe mais sobre o globo. Era coberto de peleis e de carne perfeitamente conservada, que serviu de nutrição a um grande numero de animaes. Seu esqueleto, e sua pele se achão no Museu da historia natural em S. Petersbourg.

DR. MELLO MORAES.

POESIA.

A ave do amor.

Lasciatogli ogni speranza o voi ch'entrate.
DANTE.

Tu redescends sur cette terre,
Tu te poses sur un tombeau!
V. BRUG.

O ave de paz lá vem, trazendo em cuidos
No tenro bico tão minhosas flores,
— Talvez — colhidas de rosas de sonhos,
— Talvez — medradas em vergéis de amores?...

Ove encantadora que é!... — Voga no espaço,
Como na mente ideia de ventura,
Como um sorriso a espregar-se languido
A flor dos labios de uma virgem pura!

Vem mais serena, que a canção, que passa
Do coração ao labio, onde fluiam,
Sustentada nas azas da harmonia,
Mais doce, que n'um céu de outono a lúa?

Ove ricas penas tem!.. verdes de esperança?...
O Young o canto fôra mais suave,
Si as penas tristes, que se canto implumão,
Foras penas tiradas de tal ave!...

Avesinhá de amor, vai com teos ramos
Fazer teo ninho: — veio a primavera: —
Adeos! vai ser feliz! Adeos! sé livre!
Oh! tão livre e feliz, quem ger podéta!...

Vai! não paires aqui! Mas ai! tão fado!
Mão fado teo, onde posar vieste?
Não havia algum campo mais vicoso,
Algum vergel, p'ra ti, menos agreste?

O que queres tu de mim... retro escuro,
Ermo escalvado, triste heremitorio,
tudo — talvez se banqueteio larvas
Com todo o horror das horas de misterio?!,

Olhar lá do alto, misquinhez dos outros;
Vê-los vergar... pisar-lhes sobre o collo:...
Injurar, que delles os separa um mundo,
Quando é só a traicio... o crime... o dolo!...,

Menos amigas, mais... Amigas tristes,
Encharcadas de... caco de luto pura;
Barca d'ouro com nota de harpa jovem,
Que erguendo ondas de um mar de luto, murmurava:
Destrai... destrai... meus amigas as azas,
Contando... contando... um sonho d'humor,
Traz da tua vaga — um pensamento d'ouro —
Um sonho de raias daphantasta —

Menos amigas, mais... Amigas tristes,
Idi encharcada de luto, que non tanto estorre?...
Hoje cansado... amanda... mae-sor?... quem sabe?...
O come... o come... e o cedo morre?...;

Menos amigas, mais... Amigas tristes,
— bem na memoria:
— Um theatro que compõe uma imposta:
— Una vela! — Una vela a vida entera,
— Una vela... a sepultura!;

Deixa-te... deixa-te... caminho a vassouras,
Offios torcos... copando a fronte o luto...
Do que arreia... combar grilhões de ferro,
E a arrasta... — Pois serem d'outro!;

Deixa-te... deixa-te... As aves, que de noite
Vando de aqui, de si um canto salvo,
Como não vei... a dia o voo da agita,
Não creem... que possa o céu pisar mais alto?;

En m'a... em pohei, qual so tenho una harpa,
Abordado, e mundo peregrino,
Como um cão latindo as azas canhadas,
— Sem deixar o rastro — sigo o meu destino!;

Exijo os perros, que morder me tentão;
Deixa o caper... passar lagos e leitos;
E digo: — este animal feroz, contado,
D'aquei a pomeresta soldado, e escravo!;

Porque o homem lá está... tem feno em montes,
Tem m'a... que a cada tremita de alague,
Seja o... monte... depois... — salta-lhe as redoras,
Mele-lhe a espuma, e castosa lhe o azurrague!;

Lambem — às vezes — Solte a estrada paio:
Offio o mundo a sestão, e vejo o espírito
Pegando gralhas que a plumagem rica
Foi rouhada aos pavões: — Irgome, e passo;

Pairo abém... offio... e então dou-lé, que o homem,
— Rei d'strômado — ensaia um voo ainda
Ao reino donde fui por Deus longe alio:
— Deixa: — mas o arrojo seu não hindu?;

E verdade: nossa alma, — essa agua imensa,
Bate as azas, vaidosa, e aos céus remonta:
Bata quasi a impôlgar um astero, a impôlgar...
Quasi nadriga em luz... la calde de touta!;

Tantos mumbes, que em chaminas ardehamos,
Tanta gloria no reu com liz tracada!...
One não de um rasgo em tanto arco?...
One seja tanto... que não saiba nada!;

LUIZ DELFINO DOS SANTOS
(Continua)

VAREDADES.

Passeio no aqueduto da Cariooca.

O tu, estrangeiro, que pela primeira vez saídas o gigante postado à entrada do nosso magnifico porto, e te extasiás á vista da imponente natureza, que se desenrola em quadros variados sob o radiante sol do nosso tropico, desferindo seus deslumbrantes raios sobre os verdejantes cimos das montanhas vizinhas, e as soberbos aguas da alta Guanabara, cujas ondas beijão meigamente a orla das duas cidades irmãas que coisa separa, não te defendas no desembarque, de nossos caes....

Passa avante, se não queres perder uma só das impressões agradaveis que te inspirou o grandioso aspecto dessas cordilheiras de montanhas, e das populosas cidades, occultando-se por entre aquellas, semlhavieis a caprichosa Odalyssa furtando-se, em seus devaneios ao travez dos rozaes de seu jardim, aos olhares de seu amante.

Não te demores também em nossas ruas procurando os nossos monumentos. Ainda os não possuimos; somos colonia portugueza. E depois que nos constituirmos nação independente, a grande população da rica capital deste vasto imperio, por demais *dilettanti* e de *bon ton* preferir despender

grossas sommas para ouvir lindas canções, multiplicar os bailes e outras distrações publicas, a concorrer para expurgar as nossas ruas dos *tiques* que as infestam!

Apressa-te em deixar o recinto onde esta assentada a orgulhosa ramha da America meridional trazendo pomposas, galas mas tão profundamente descendidas do seu estado sanitario.

Offerem-te os seus subúrbios tudo o que pode atrair a attenção do apreciador dos bellos dons da natureza, encantar-lhe a alma, elevar-lhe a imaginação; sitios alegres, pittorescos, grandemente concorridos uns, menos frequentados outros, mas todos graciosos e poeticamente adornados de perenne verdejor, de flores odoriferas.

De um lado tens a felicíssima cinta do prasenteiro e ruidoso Botafogo reflectindo-se namorado nas aguas que beijão suas praias; apoz elle S. Clemente garnecido de lindas chácaras bordando de variadas flores a passagem para o jardim Botânico, sitiodelicioso que recebe as primícias da curiosidade dos provincianos chegando a esta capital, e oferece aos habitantes desta um ponto de agradáveis reuniões, e condições azaadas para o estudo e o amor.

As *Laranjeiras* com suas sedutoras voltas, descolorindo sempre novas gracas encanta e seduz a alma poetica que por ali se entraânhia ate o Cosme-Velho, respirando a brisa que desce das montanhas dominadas pela sua magestosa soberana, o Corcovado, cuja fronte aliva parece locar o reo, e toma diversas formas, observado de diferentes lugares.

De outro lado encontraras as diversas estradas, bordadas de curiosas chácaras, que conduzem a S. Christovão, e ao Engenho-Velho ate o fresco e saudável Andaraí, por onde serpenteia cristalino-regado, e se propagão as frondosas mangueiras, a cuja sombra deliciosa pode-se souhar a vontade!

O melancólico amoroço Rio-Cômprido e todos os frescos e saudáveis sitios adjacentes, não encerram menos interesse e encanto.

Mas se tens alma e imaginação de poeta, segue-me pela tua denominada das *Burbosas* ate encontrar a tua direita os elevados arcos da Carioca que trazem a melhor agua, que se bebe na cidade, ao chafariz do mesmo nome. Lá em cima de suas basas o nome do seu digno fundador,

II.

E' este o único monumento útil e grandioso que possuímos dos tempos colonizes, copia imperfeita do admiravel aqueduto das *aguas livres* de Lisboa; porque no Brasil, donde se extrahião copiosos tesouros para levantar soberbos edifícios em sua metropole, não valia a pena construir obras de menor importância.

Sigamos porém o nosso passeio subindo a calçada que o vulgo denomina ladeira de Sancta Theresa, actualmente quasi toda aberta entre o encanamento e casas de há poucos annos construidas.

Eis-nos na terceira volta que forma a calçada: temos em frente sobre o alto da colina em linda esplanada o convento das misteriosas religiosas de Sancta Theresa, cuja capella deo o nome a estes lugares.

E aqui que vivem as nossas santas victimas do fanatismo, arrastando voluntariamente uma existencia de maceracões, de que nenhum bem resulta á humanidade. Elas orão pacificas no silencio do austero ao Eterno por nos outros mundanos, enquanto as irmãs de Caridade correm ao travez de mil fatigas e perigos de um a outro ponto da terra ocupando-se de curar o physico, consolar ou preparar o espirito do seu semblante a fim de tornal-o melhor.

Qual das duas instituições tem melhor comprehendido a palavra do Christo nos deixamos, aos espiritos esclarecidos e eminentemente christãos decidi-lo.

Respeitemos entretanto as convicções, as crenças religiosas destas boas criaturas sepultadas em vida nesta sancta morada, cuja vista inspira melancolia e profunda veneração!

Contempla o quadro que começa a desdobrar-se à nossa esquerda. É aquele o porto onde fundeasse sancando a antiga terra dos Tamoios : a floresta de mastros que elle encerra revela para logo a grandeza do nosso commerce.

Esta além a fresca Nitherohy com a sua longa fila de arvores em frente, mirando-se feiticeira nas limpida aguas que a banham. Lá alveja em elevada colina a igrejinha de S. Lourenço, e os restos de uma aldeia famosa que recorda o nome illustre de Araribóia, seu primeiro fundador e autor de tantos feitos heroicos em prol da civilização desta parte do Brasil, onde como tantos outros jaz esquecido na memoria de seus vindouros !

Galguemos o que nos resta a subir desta montanha, e fazendo-o attende para o doce murmúrio das aguas despenhando-se pelo declive da ladeira, encerradas no aqueducto que se prolonga tortuoso ora à direita ora à esquerda até a grande caixa d'agua, como uma enorme serpente atravez da relva que lhe verdeja os lados.

Eis-nos libertados da incomoda subida dessa

garganta formada pelo aqueducto e os muros de algumas chacaras.

Repousemos alguns instantes neste ponto, onde se começa a aspirar o ar mais puro dos arredores da cidade.

Espreia a vista pelos soberbos panoramas que d'aqui se desenvolvem ! Não sentes teus pulmões dilatarem-se, teu coração expandir-se, teu pensamento elevar-se ao Creador de tantas magnificências ?

Ali a pitoresca Gloria, além a bahia, a entrada do nosso porto com as suas sentinelas avançadas, Santa Cruz, e S. João, sobre cujas muralhas quebra-se com fúria as ondas.

As duas fortalezas de aquem, uma recorda um dos nomes mais illustres da França, Coligny trocado depois por uma vil traição pelo nome de Villegagnon seu perfeito fundador, a outra que parece quasi submersa nas aguas lembra-nos as torturas de illustres prisioneiros gemendo em seus humidos e lobregos calabouços.

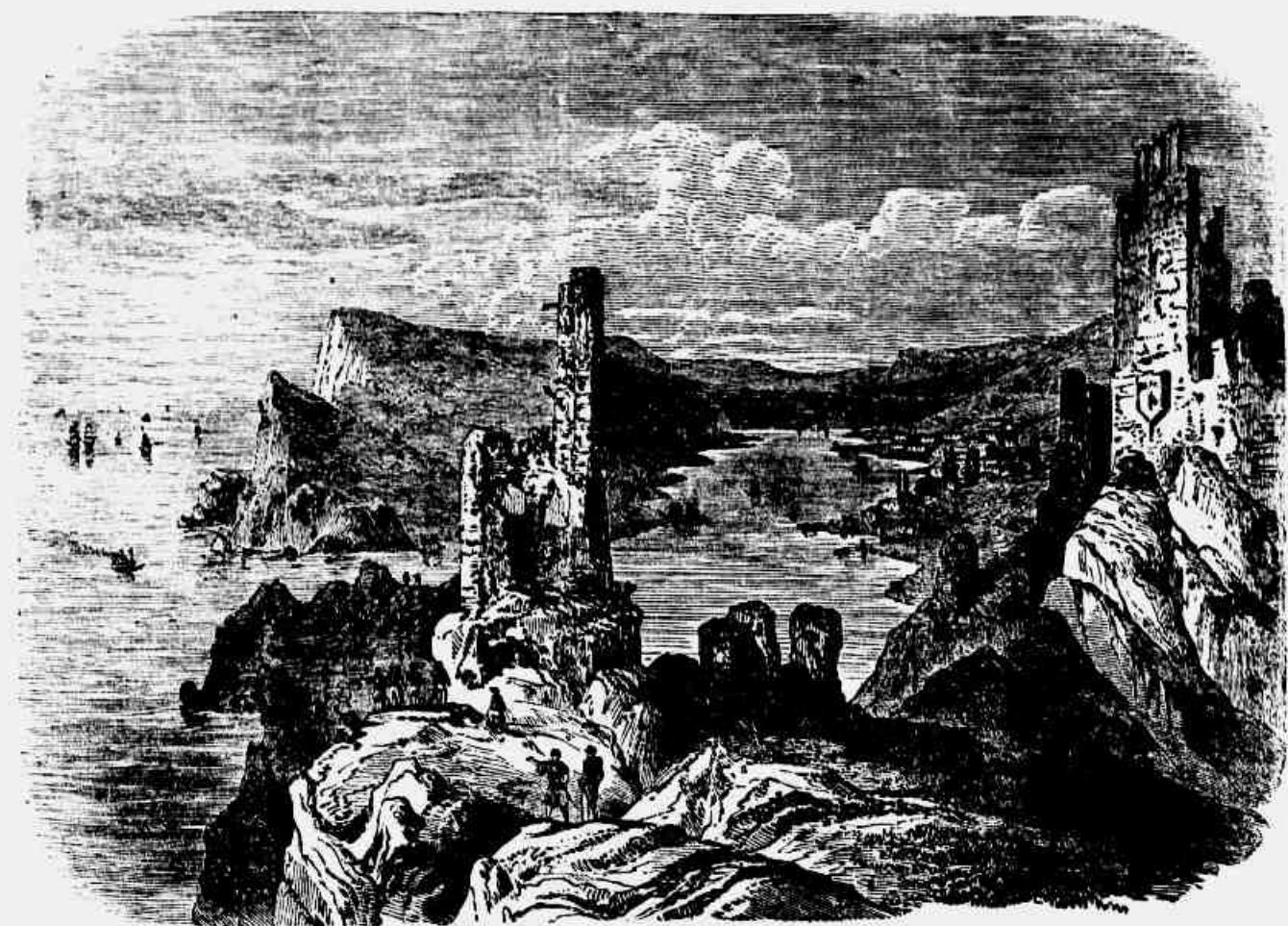
Deixa porém aos brasileiros estas dolorosas re-

cordações; outros quadros se apresentam mais dignos da contemplação do estrangeiro.

III.

E d'aqui que começa o delicioso passeio, sombreado por gigantescas arvores, ao longo do aqueducto oferecendo simultaneamente vistas de mar, de cidade, de bosque, de montanhas elevadas, e de casas espalhadas aqui e ali, ora no alto, ora no declive e na base das colinas.

Aqui uma habitação se mostra a fúrio ao travez de espessos grupos de bananeiras, ostentando toda a graça do balançar de suas largas e verdejantes folhas, e de odoríferas laranjeiras embalsamando a atmosphera com o aroma de suas flores, ou sobre carregadas de seus pomos dourados : ali uma pianicie risonha contrastando com o aspecto austero das montanhas, que a cingem, coroadas ainda de florestas virgens, ou colinas, e grotas cobertas do lusento precioso arbusto curvado sob o peso do corado e lido fructo, que fornece a mais deliciosa bebida, e um dos primeiros ramos de commercio



Vista do porto e interior da cidade de Balacava.

da nossa terra. A luxuriante vegetação destas paragens nos faz gozar duas vezes por anno o agradável aroma de suas flores.

De espaço em espaço commodos bicas de abundante e cristallina agua, praticadas no aqueducto para o uso do publico, oferecem a este saciar a sede agradavelmente depois de um trajeto mais ou menos longo, e macia relva o convida a repousar os membros fatigados.

Estas duas miniaturas de pyramides, que separam aqui o aqueducto sobre a superficie do solo, são os denominados *Dous irmãos* : a alguns passos mais está a guarda que vigia sobre a segurança publica destes sítios. O allerio que ves em frente foi recentemente construido e é pena que lhe faltem assentos junto ao parapeito donde se gosa um bello

ponto de vista da rua rectamente alinhada do *Silva Manoel*, de Mata-Cavallos, chacaras adjacentes, jardins e colinas cultivadas, ou semeadas de habitações campestres sorriendo ao travez das arvores e flores que a rodeiam.

Continuando um pouco mais tens á tua esquerda sobre as montanhas que se abraçam, tomando diversas formas, engracadas pitorescas casas patentes à vista, ou ocultas como ninhos de aguia sob os ramos das arvores, balançadas ora amorosa, ora fortemente pelas brisas do norte.

Um alvergue, por demais modesto ali se esconde mais que as outras habitações, perdido em espesso bosquesinho plantado pela mão de um ente que se apraz meditar na solidão sobre essas massas desvairadas por illusões mais ou menos risenhas que

se chama mundo ! Deos, e a humanidade reinão em seu espírito, em seu coração o amor da familia e da patria, da patria por cujo feliz porvir escapão-se-lhe do peito em cada aurora os mais fervorosos votos ao céo.

IV.

Prosigamos costeando a montanha por sobre, ou pela base do aqueducto, ao som das aguas que lá dentro murmurio docemente, e do melodioso canto dos passaros poussados nos ramos das arvores que sombreão a estrada.

Que deliciosas paragens ! que meiga e encantadora solidão !

Estamos na volta formada pela primeira caixa d'agua, repousemos nos assentos que ella oferece ao passeador fatigado, ou atraído pelo poeticu

suscitar des astas que neste punto se despenha pelo precipicio, e cair por onde se segue o precipicio. Todo aqui é harmonia e beleza, e sempre a natureza, quando a vede isto, é humana por si tem de todo o seu peso.

Mas que inúmeras belezas veem singularmente contrastar com a suave harmonia desta natureza!

Ali que se me verá o coração de certo! Vés tu essa esquerda aquelle escarpado rolo da "E" hincada de que desce essa voz triste e lamentoosa o meu escravo, quasi exausto de forças, obriado no trabalho de cava, que deixa os raios de um sol abrasador, e sobre a pedra arde que se vê! e condannado a desprender de te-

los o seu entrappecido peito mais de uma vez, quando sentem os seguidos estrofes, que abrigam a alma, e me arrancam preces ao Eterno pela regeneração dessa infeliz raça a quem a mesma dor, não da direita no repouso? E sempre um lamento que as canta:

— Faz na madeira cabana,
Sombria dia de palmeiras,
Faz a roça em terra do Minho,
Muitas becas das lagoinhas...

— La deixei marido e filhos,
Meu trabalho, o meu povo,
A esses levarei amanhecer
Para que não se adorar segundas...

— Desde então se estende vozes
Efeito de longínquas:
Tradicão, tradição, negro,
O branco, e a Encantade...

— Is entrelaçam os animos
Quem meus filhos forças me dê:
Tradicão, tradição, negro,
A morte te espera lá...

Assim canta o pobre escravo resignado à sua miséria no meio da magnificencia explendida desta suprema natureza, no seio de um grande povo de fulano de suas *loures* insinuações!

Aíl, nem nos temos desto espetáculo affligidor para as almas penetradas de amor da humanidade. Novas e mais agradáveis emoções nos speriam aíl.

Os panoramas se sucedem variados e encantadores dignos dos pincéis dos mais habiles pintores. As habilidades continuam a multiplicar-se a esquerda, nas ilhas ou nos declives das montanhas que rodeiam os novos quadros se vão desdobrando como a poeira a nossa direita. As aguas da baía unindo o *Sarcofago*, o *Pfeifer*, o *Christovao*, *Pontal*, *Cora e etc.*, se mostram radiosas oferecendo as águas do contemplador, allastados da capacid que se extenda ao longo, as pilares engracadas das casas que nadando descahadas em sua suaveza, e orientando mal diversos primores da natureza. Todo aiem se descolore a ronda dessas águas, cada um seu longo manto de flores, suavemente sentada sobre tapetes de perfume a flor.

V a sedutora Paquela, sítio ameno e delicioso, um templo de estios amores, de saudades e suaves danças da alegria.

Sauda respeitoso Paquela, o estrangeiro, se em sua cura de almas, o amor da liberdade e liberdades homenagem a memoria dos grandes genos que subversão, filosofias, punhar penos direitos da patria. For lá que vivem em seu segundo exilio José Bonifácio de Andrada!

A

Entrando-lhe por este passeio unico no seu gênero, atento admira o aspecto desta natureza, o fogueiro, ora austero, sublime sempre! esta soberba vegetação que le rodeia sob um céu azulido e radiante, as diversas e magnificas formas que apresenta nas diferentes voltas do caminho, as montanhas, os vales, as numerosas enseadas da baía, beijando aquelles diversos subúrbios da capital, os campos bordados de habitações alegres, a perspectiva variada de todas estas belezas superabundantes de vida tendo no fundo do quadro um

pensamento lugubre representado pelos mausoléos que la alvejao no cemiterio de Catumbi já tão tristemente pavido! Passemos avante.

A amenidade e os encantos destas paragens, o terreno plano salte que andas respirando a brisa refrigerante das montanhas nao te permitiram talgar os membros neste delicioso trajecto.

Aproxima-te deste paredão novamente construído para preservar os passantes em qualquer desindido de despenhar-se nas grotas que la em hauyo estão, vi nestas mesmas grotas a florescente vegetação que por elles vai. Se os desfrigidos clima do norte, onde as laranjeiras florescem ásas encerradas nas estudas a custa de imenso trabalho do homem, compara aquella vegetação artificial com a desta multídia de laranjeiras verdejanas, sem cultura nenhuma, que comemor da parte exterior desde muro ao travez do despenadeiro que por ali vai ao vale.

Aqui a mão do homem toca apenas a terra, e elle lhe alia para logo os seus tesouros.

Aquellas situações que la alvejao na planicie, e na encostadas montanhas a essa direta pertencem a denominada *Cora da Onça*, seguimento do Rio Corupá.

Estamos nos segundos *Bos Jeunes*, pequenas pirâmides um pouco mais elevadas que as primeiras, e n'uma posição melhor, donde se descreve a esquerda o lindo panorama das *Laranjeiras* e *Coste-Velho*.

D'aqui em vante a natureza se ostenta com mais pompa em toda a sua simplicidade!

O passageiro encontra sob as corupeladas arvores que sombreao o caminho sítios românecos e apropriados para os naturalistas e os poetas. Os primeiros exaltão-se blando os olhos neste grande livro aberto da natureza; os segundos elevando a Deus o pensamento, sentem-se inspirados em presença de uma de suas mais admiráveis criações?

Que silencio respirão estes lugares! que doce harmonia forma o melodioso canto dos passaros com o siciar das folhas agitadas pela fresca brisa que passa sussurrando mansamente, e vai comunicar seus misterios aos mais espessos bosques não explorados ainda pela mão do homem!

Aqui é uma especie de buero por onde se despede a agua nos grotas que nos leão a esquerda, acha uma lagoinha como que perdida, a borda da qual se inclina o passante para refreshar-se. Mais nada excede a essa immensurável muralha natural formada pelo imenso arvoredo da montanha que comece logo por sobre o aqueduto e parece percer-se nas nuvens com os olhares e os pensamentos do contemplador sensivel que busca o infinito!

Já avançando nos atinge o susurro das aguas despenhando-se em valaduras, e anuncianto a chama da *Mai d'água* termo do aqueduto; demandemo-sa sólido que cumprirãomos o nosso passeio.

Depois de lindas belezas que deixaste apes de ti o seu espírito creia ter esgotado toda a sua admiracão; mas no espírito do poeta a admiracão não se esgota quando em frente dos quaisquer grandiosos da rica natureza do meu Brasil.

Olha para a imponente perspectiva do soberbo gigante a capo por parecer estarmos.

Diz-se-ha que elle desfiecha sobre os que o contemplam desde ponto esses cristalinos lençóis de espumante líquido colando com (fracass) no travez de matas virgens, e por sobre enormes lagos ate este triplo reservatorio ainda em construção, donde sae depois mais lentamente para ir saciar os habitantes da populosíssima cidade do Rio de Janeiro.

Aqui a mão do homem comece a construir uma obra digna destes sítios, e de um povo civilizado. Em seu principio revela já o interesse que della resultara ao publico, e a attenção que excitara de estrangeiro, por aqui passando um dia, para subir ao cimo do Corcovado e exaltar-se, abrangendo d'ali, quanto pode a fraca vista do homem, o arrebatador e estupendo quadro que jamais mão de artista conseguira reproduzir em toda a plenitude!

VI.

Comovido por tão multiplicadas bellezas tu pares recoller tuas ideias no auge de uma dupla admiraçao! E perguntas-me se estes sitios que percorremos, e cuja presença deixou em tua alma tão profunda impressão, são ignorados dos elegantes, dos poetas, dos sabios da nossa grande capital?

Advinho o teu pensamento, comprehendo o teu espírito. Nenhum por aqui encosta! A solidão destes lugares com razão te surpreende!

Não quizera esclarecer-te a tal respeito, mas um coração franco e sincero não deve calar a verdade, maxime quando se trata de satisfazer os extrangeiros por quem costumamos ter todas as deferencias em nossa terra proverbialmente hospitalaria.

Sabe pois que os brasileiros, posto que tenham gosto delicado, e fino discernimento não são tão grandes apreciadores da natureza, nem os maestros na escolha do que pode concorrer para vigorizar-lhes o phisico, e elevar-lhes a alma.

Este delicioso e útil passeio, as portas da nossa gloriosa capital, está quasi sempre como ves, deserto de seus habitantes.

O uso de um passeio hygienico quotidiano não foi ainda admitido em nossa terra.

Fui parte das nossas mulheres continua estacionada na vila caserna, exposta as enternidades que ella acarreta, e passa a vida em indolente indiferença, ou entregue ao trabalho, que a falta de methodo torna áridas e muita vez sem proveito real; a outra prefere assentir os seus encantos, ou a elegancia do seu trajar nos empoeirados bairros prediletos da multidão, a vir respirar o ar vivificador destas montanhas sob as verdes abobadas naturaes que se prolongam pelas engracadas curvas que forma o aqueduto. La seguem-nas os galanteadores, os poetas, e ate os nossos *sabios*!

Para aqui, afora os moradores destes lugares, apenas veem passar alguns grupos de cavaleiros, que o domingo liberta do trabalho, e lhes permite amplas liberdades ao gêmo destas solidões; ou de longe em longe alguma reunião de amadores, cujos musicais accentes tambem se harmonisão com os encantos destas paragens.

Uma ou outra famlia vem também em alguns domingos jantar sobre a relva a borda do caminho, ou sobre as lages da *Curva d'água*, cercadas das limpidas aguas que livres ainda por ali correm.

Mas o verdadeiro apreciador dos tesouros da creacão tão prodigamente espalhados aqui pela mão do Eterno, o meditador profundo e as grandiosas obras, de sua Omnipotencia Divina, de seus sublimes dons, em vão procurara encontrar perdidos nessas grupas indiferentes a magestade celeste que tanto aqui se revela e tão grandemente impõe!

B. AUGUSTA.

Meu sobrinho.

Diz um antigo proverbio: *a quem Deus não dá filhos, a Diabo dá sobrinhos*.

Otais sobrinhos são às vezes um verdadeiro flagelo! não sei mesmo si isso acontece por serem elles *mimo* do Diabo; em fini seja o que for, o certo é que também eu tive a infelicidade de ter um sobrinho.

Fui eu vio que lhe quiz meter nas andas a faca e a navalha; boas! o rapaz nasceu com instintos aristocraticos, e o que ainda é pior, nasceu com a bala desarranjada: querer dizer, devia-lhe a mama para ser *poeta...* ou *pacta*, que segundo dizem os adjantados d'este seculo das luces apagadas, são synonimos.

Já tenho pregado ao tal meu sobrinho a respeito da verdadeira missão de todo o homem que tem senso commun, que é: — *ganhar dinheiro*. — O tal porem sempre está a falar — *nas sobre as aspirações da alma, na missão da intelligencia, etc.*; e outras tantas babozeras d'esta lata.

Chama-se o tal meu sobrinho Juca: é bonito rapaz; veste assciado, e a modo que tem na testa

alem do *T*, alguma cousa que os que sonham acordados chamam — «distri^ctio, conno de intelligen^cia, ou coisa que o valha».

O tal Juquinha é estudioso, callado, modesto, etc., por isso todos concordam que elle *gostava* *prestava* *nada*, que não passa de um moço romântico; tem razão os que assim o classificam; e para que me não fachen de mau to, ali vai a nossa ultima conversa, que eu dou a luz publica, por que meu sobrinho já la vai pela barra forta.

Na vespera da partida do Vapor Americano — *City of Pittsburg*, — estava em garatuipando papel a umas aguas furtadas, que ficou por cima da loja, quando vejo entrar o Juca, sempre com o seu traje preto, suas barbas de *Porto-Machado*, e seu ar solenne.

Esperando alguma macada, deixei de parte os meus papeis, e disse, apertando-lhe a mão:

— Como estas, Juca?

— Vamos vivendo, meu tio.

Houve uma pausa. Tomei uma pitada: o meu sobrinho tinha os olhos pregados no teatro.

— Então? que trazes de bom, ou de novo?...

— Para mim tudo é velho e tudo é mau.

— Eu cossei as orelhas, e associ-me, e principiei assim. —

— Ora Juca, es ainda muito rapaz para fallar assim: —

— Nada envelhece o homem mais de pressa que a desgraça, meu tio.

— Desta vez tomei trez pitadas afio, e comecei tocar uma marcha com os dedos sobre a meza.

O Juca deu um suspiro. —

— Então que é isso, meu sobrinho? estás sempre a suspirar? —

— Eu sofro, meu tio.

— Pois faze por não sofrer. —

— Ah! meu tio! e como não sofrer? So no mundo, sem carreira, sem missao, tudo me aborrece... sofro emfim. —

— Quem tem a culpa, Juca? não és tu mesmo? Tu tens intelligencia, portanto maos à obra: dedicate a alguma cousa. Vejamos: eu, ainda que os cobres não sao muitos, prometoo ajudar-te.

— O Juca conservou-se callado algum tempo, e depois respondeu:

— Meu tio, a minha cabeça e o meu coração estão doentes; mas enfim, cis-me aqui: hei de ouvir os seus conselhos, e veremos si Vm. traca-me uma vereda na vida, que se ella me convier, seguir-a hei. —

— Muito bem: pois entao vamos a isso. Eu ja sou entrado em annos; vou ficando velho, e, ja se sabe, uma das manias dos velhos é dar conselhos. Entremos em materia. —

Fizeste os teus estudos preparatorios?

— Meu tio bem sabe que sim; porém o meu fraco sempre foi a litteratura.

— E, ainda te dura essa mania, meu sobrinho?

— Mania, meu tio? Pois que! a intelligencia não sera com effeito uma falsa divina, que illumina a mente do homem, que o enobrece tanto como uma coroa, que o assemelha à Divindade, porque crea como o proprio Creador? — Pois sera a intelligencia apenas uma mania?

— Eu não sei ao certo o que estas ah dizendo; mas meu sobrinho, ca no meu entender, a intelligencia é peior que a cholera, e não presta para nada. una vez que te traz com a cabeça doente

— Isso é verdade, meu tio! Infeliz do homem intelligent no nosso paiz! — Indubbiado, desconfiado, e um ente inutil na sociedade. Poesia! dom sublime, logo sagrado, que abrasaste a mente de Tasso, que inspiraste a Camões, hoje vales menos que o mais vil genero de mercadoria.

— Meu sobrinho, de nada te servem essas bellas lamentações. — Olhe: uma vez que a intelligencia, e com effeito uma entidade, que ainda que impalpavel, existe; e uma vez que te tocou o flagello de teres li nos miolos, (si é que os que tem intelligencia tambem tem miolos) essa que tu chamas *falsa divina* —, vejamos o que se pode fazer. Tens escripto algum volume de poesias?

— Pois Vm. já se não lembra da collectao que eu publiquei ha dois annos?

— Ah! sim: e entao quanto ganhaste?

— Nada, meu tio! gastei perto de trezentos mil reis d'aquele dinheiro que me deixou meu padrinho, e por isso fui obrigado a recoller o meu opusculo das casas dos livreiros, e vendi-o n'uma venda a testao a libra.

— A libra de verso?...

— Não, senhor: a libra de papel.

Foi bem paga: mas, sobrinho, peior era que os ratos e as baratas lhe tivessem dado fim... Ora vamos: e depois nao composeste mais nada?

— Quiz dedicar-me ao jornalismo.

— Tu, Juca?!

Eu mesmo, sim Sr. Fui à redacção de um dos nossos jornaes, e ofereci-me como redactor.

— E entao? obliviste vantagens?

— O dono da casa disse-me, que o mais que poderia fazer em meu favor, era abaixar-me um vintém por linha!

— Pois esta visto! entao, que julgavas tu? que aqui se paga a quem escreve? Não Sr.: só se faz excepção com os estrangeiros, pois lá quanto aos filhos do paiz se quizerem moralizar o povo, que puxem pelas patascas; isto é o mais justo. Mas entao, que fizeste?

Saihi do escriptorio desse *Jornal*, metti-me em casa, e foique fechado trez dias!

— Entendo: imposeste-te uma penitencia?

— Estava aborecido.

— Foi mal feito.

— Foi nessa época que me dediquei ao Theatro: compuz um Drama.

— E, verdade. — Apresentei-o ao *Conservatorio*.

— Aprovaram?

— Foi prohibido.

— Oh! diabos!

— Não esmoreci: continuei e compuz outro. Com esse fui mais feliz: aprováram!

— Bravo, Juca!

— Cheio de entusiasmo levei-o ao theatro....

— Ai, sobrinho! ja vejo o desfecho das tuas andanças!...

— Recensário-m'o, porque havia trez Dramas Franceses a pôr em scena!...

— Entao ja vés pela propria experiecia que pelo que respecta a litteratura....

— Os romances, nem ha quem os queira publicar, nem quem os queira ler!

— Justo: estao de acordo. Mas meu sobrinho, outras carreiras existem para a intelligencia.... Tu ja te formaste em direito: se um advogado,

— Meu tio, a lei escripta é muito bella, mas no nosso paiz impera costume, que é pessimo, e eu não nasci para a chicana!

— Isso são escrupulos: rouba e mente, sobrinho, que se não é a lei de Deus, pelo menos é a lei do mundo.

Nunca! advogado, eu só defenderia a innocencia.

— Ai, malfadado Juca! e onde irias tu parar?

— A força fizvez, meu tio!

— Bom proveite que te faça; mas eu para lá não dezojo ir. Olha: estuda medicina: sacerdote do povo, podes curar o corpo e ilustrar o entendimento, maxime no dia de hoje, que os medicos fallao ate pelos cotovellos.

— Já estou velho para começar a carreira de medico. —

— Não digas tal! compra um diploma de medico homoeopatha; falla em Nosso Senhor, nos Apostolos, nas Irmães da Caridade, etc., etc., e entre tanto, não te desendeis de ir vendendo os teus vidrinhos a dez mil reis cada um.

— Não, meu tio! respeito a sciencia de Hannemann, porém nunca me servirei d'ella como de um meio de especulacio. Eu comprar um diploma?

— Pois entao que tem isso? é uma patente como qualquer outra.

— Um diploma de medico comprado, é uma patente de assassino!

— Ora! quem se dispõe a amar, dispõe-se a padecer! isso de matar, a muitos medicos acon-

tece; bem ves que sem medicos e epidemias haveria excesso de populacão.

— Ora, meu tio, Vm. sempre está a gracejar!

— Não ha tal, fallo serio. Ora dize-me: e para o commerce nao tens gelo?

— Mesmo que o tivesse, sou filho do paiz, e...

— Sim, ja sei: demais a mais usas bigodes, e isto é prejudicial ao negocio: usas o cabello repartido, boinas envergadas, pareces eundum homem civilizado, logo a primeira vista, e isto também é contra o commerce: o Negociante, segundo os nossos, deve ter assim um certo ar de *respeito*, por que é mais compativel com a probidade, a honestade, etc., etc.

— Inda bem que Vm. conhece, meu tio.

— Mas, meu sobrinho, porque nao has de fazer como todos os homens? Falha, maldito: não te calles: diz asneira a torto e a direito, toma ares de importancia, mette-le em toda a parte, sem esperar que te chamem; vai vivendo, e não te importes o como.

— Como, meu tio! e a consciencia? e a delicadeza?

— Cala-te, sobrinho, que me mette vergonha tanta tolice da tua parte! — A consciencia e como outra qualquer coisa; e lá quanto a delicadeza: isso não tem o *senso communis*. Tu és bonito moço: pois procura uma mulher com dinheiro, casa-te, e...

— Uma aliança infame?!

— Tomas logo tudo pelo lado peor! É uma especulação como qualquer outra.

— Quem? eu? em especular com o destino de uma pobre mulher? Fazela infeliz para sempre!

Ora deixa-te dessso. Ella te estimaria: tu és bonito....

— Mas se eu não a amasse?

— Fingias.

— Não, isso não se finge!

— E verdade, isto dizem os patetas como tu que lá quanto ao mundo, metade mente e metade engana.

— As exceções são feitas para justificarem as regras: ai sou uma exceção.

— Pois meu rico sobrinho, uma vez que isso é assim, não me venhas mais aqui aponquentar a paciencia.

O Juca levantou-se.

— Adeus, meu tio... vinha mesmo despedir-me de V. Mm.

— Ah! pois para onde vás?

— Vou para a California.

— Como é isso?!

— Sim, Senhor: vou no vapor que parte amanhã, no *City of Pittsburg*; uma vez que sem ouro não se pode viver, tendo mais coragem para ir desenterral-o com as unhas das entranhas da terra, do que para havel-o aviltando-me aos olhos de Deus e de mim mesmo!

Confesso que me enternecei, e abencoei o meu sobrinho, que ja la vai pelos mares do Sul.

Si voltar rico será um grande homem, como muita gente o preceita, si voltar pobre será um padrao d'asno, como muita gente o preceita.

F.

Observações curiosas.

Continuado.

Nao sei como ha ainda quem *segure* os seus escravos; pois ha muito tempo que já pela *companhia* de pedestres são elles *seguros*.

Nesta época de epidemia é pelo menos tão conveniente pôr de *quarentena* as noticias, como os navios.

Ha certos frades que em tempo de quaresma devem andar reatelados, porque correm o risco de serem dados como presente de festas; visto que são cartuchos.

Não ha proprietario de casa por menos que

nho; que, oferecendo-se-lhe umas *luzes*, não esteja pelos ajustes do inquilino.

Sempre que há fogos de artifício evitão todos ser queimados por bombas; entretanto que havendo incêndios trata-se de as ir buscar.

O. O. S.

REVISTA DA QUINZENA.

Leitores — Estrear é resolver o problema da davia, do receio e do temor.

— O poeta que estreia, julga-se na transição do mundo phisico para o visionario.

— O artista nas portas do capitolio.

— O militar nos muros de Sebastopol.

— O clérigo na cadeira Pontifical.

— O empregado publico nos exercícios findos.

— O estudante no epílogo do namoro.

— O medico na junta de hygiene.

— O advogado na cámara temporaria.

— O actor no dia de juizito....

— E um redactor de quinzena?....

Advinha, leitor, advinha o que julga-se um redactor de quinzena, o que julga-se este vosso servo que pela vez pri leira tem a distinção de fazer gemer o prelo para dar-vos a historia fiel de quinze dias em que se passarão tantas cousas feias e bonitas, bem que aparecerão tantas saudades murichas e tanta esperança em flor!....

Pois é facil leitor....

Quando não se tem uma fada que nos prateados sonhos de mancebo venha roçar por nossa fronte com as transparentes e auribrancas azas da poezia, donde arrancara a dourada pena que se ambiciona, a estreia do redactor de quinzena é um acto de contrição às penas futuras, é um hoje de ancedade um amanhã de temor, é finalmente uma fragil barricada exposta aos balasdos da *senhora* critica que com todos contende, até com o redactor calouro.

E é por isto que em me vejo em verdadeiro apuro.

Escrever é couza facil; mas escrever que agrade aos entendidos, é o que põe um pobre Revisteiro de cara à banda; e o que tem feito muito literato de gravata loura esmorecer no meio de sua romântica peregrinação, e arrepender-se de se ter feito Revisteiro para um publico que o julga uma ambulancia intellectual, um engenho de *graca*, ou um deposito de idéias genuinas, suas e sem enxerto algum.

Ora, leitor, um plagiato as vezes vem tanto a tempo que bem merecia desculpa — aquelle que o aproveitasse convenientemente. — Eu por mim os velevo. Não estou eu sujeito a me agarrar um dia a esta ancora de salvação, uma vez que empunhei as ferramentas do officio? — Demais os plagiatos *quasi sempre são bonitos*, e haverás de concordar comigo, leitor, que antes um *bom* plagiato do que um *pesíssimo* original com quanto assim não pensem todos os litteratos de *meia tigela* que não escrevem *Revista*.

Não julgueis por isto que eu já me disponho a copiar o que de bom disserão os autores postumos (que entre parentesis, são os mais condescendentes e por isto mais encomendados) desta vez ficarei desengançado. O revisteiro que em sua estreia apresenta uma quinzena de miscelâneas alheias, não sei, leitor, não sei o que merece....

Pensei vós na pena que lhe daries, em quanto eu *estudo* algumas cousas de *improvviso*, para servir de exordio à minha quinzena....

O exordio meu leitor, é o *passa-culpas* dos oradores; é um brinquedo com que elles entretem os ouvintes para fugir de entrar em materia, é uma encenação difusa de uma conclusão logica....

Alguns oradores conhecem eu, que depois de emanharão um exordio de duas horas passão a tratar da materia com as sacramentais palavras — *Diss...*

— Tenho concluido — deixando a todos em jejum; mas tendo em compensação — (*muitos apoiaos*) —

ou — (*muito bem*) de seus collegas, que o entende perfeitamente.

— E tudo é assim!....

Basta leitor, e vereis agora que a materia tem muita analogia com o exordio que venho de fazer; ou antes que na razão inversa dos oradores, escrevi um exordio logico de uma materia diffusa.

— A quinzena não correu de todo arida; houve alguma cousa que merece ser-vos relatado, apesar de que já as deveis saber se sois dado a leitura das folhas diarias — maldito *cabrico* dos revisteiros. Perdoai-me pois a repetição que vos vou escrever.

— Entre em materia!....

Se visseis meu leitor, como despertaria os habitantes do nosso classicio Rio de Janeiro em os primeiros dias do corrente, se assim como eu, fosseis dar o vosso passeio hygienico pela mais linda rua talvez, mas a quem os nossos avós chrismarião pomposamente de — *Directo* — pasmarieis de certo!....

O mais incredulo de vós, pensaria que alguma tribo de nomadicos barbaros ameaçava invadir a nossa cidade, ou que o mundo inteiro vinha contra nós a julgar-se pela actividade de seus habitantes que pallidos e com os cabellos iricados amontoavão-se pela praça do Commercio, e suas imediações.

E teria razão em parte: não era do perigo que corrão; mas era para elle: não era a tribo de barbaros que nos ameaçava, nem o mundo que nos perseguiam, mas erão elles, meus leitores, crão elles que ameaçavão invadir a caixa da amortisação, e disputavão a primazia de lugares.

Quereis saber a causa de famanca revolução? — Pois era nada menos do que o annuncio feito pela Comissão encarregada de distribuir as *ações da estrada de ferro*.

A febre agiotica tornara-se uma epidemia, e grassava com toda sua força. Desde os *altos* funcionários até o mais modesto *copeiro* traziam o mal patente nas facies cadavericas; e todos buscavão o mesmo remedio (?)

Facil medicamento na verdade, mas que só produz o dezejado effeito nos Bomaventurados, por que os outros ficarão em branco como um novo logrado, ou como o poeta que desperta depois de se ter sonhado um Rei.

Agora vereis leitores; estes rião-se daquelles que choravão; mas afiante um outro grupo que praguejava contra a commissão que tão parcialmente só lhe concedera 5 ou 10 acções; fallava em resigna-as; e tudo erão molejos, gritos e protestos, ate que os animos se arreficerão debaixo de novas impressões.

Um acontecimento — tragico — romantico — sucedeu à loteria das accões. O Sr. *Fuas* quiz amarrar-se por meio do matrimónio com a menina de seus pecados: chega o dia aprasado, apresenta-se na Igreja; mas a menina (*CASO NOVO!!!*) declara que se não quer casar: temos o novo desapontado, os padrinhos estupefactos; e o cura que declara não ministrar o sacramento por não ser da spontanea vontade de uma das partes conteahentes: volta, cada um para suas casas, e o novo expriu à pouco victimá talvez de um capricho mulheril.

E acreditem em moças... Eu por mim...

— Os modellos para a estatua equestre do fundador do Imperio, foram expostos, na Academia das Bellas-Artes sobre o que já falou como entendido um nosso collaborador. O distinto escultor *Petricch* também para lá remeteu tres trabalhos de sua laura artística...

— O bom filho a caza toras, diz o adagio; por isso não é de admirar que a Senhora *Mercy* para cá voltasse depois de uma delonga de tantos anos.

O Brazil já não é a terra dos *macacos*, como se diaz out'ora. O estrangeiro que o vizila confirma esta opinião; e as celebrites europeas já não tem o *focinho* quando se lhes falla em cá vir ganhar os milhares de francos.

Duas novas revoluções aparecerão entre nós:

a primeira tem feito os muícos andarem da sala para a cozinha; e a chegada do insigne pianista Segismundo Thalberg! Una commissão de muícos brasileiros, tendo a sua frente o Sr. Francisco Manoel da Silva, o foi receber a bordo do *Iroa* em que viera de passagem.

Dizem que é um prodigo o nosso hospede; eu porém nada afirmarei sem ouví-lo.

A segunda, e que talvez a quem vos dé mais cuidado e a que despolou o terror popular, a alegria do medico e do boticario que esperão fazer fortuna, e a satisfação do taberneiro que descobriu nello um meio seguro de *monopolarizar* a agua — ardendo — é a personagem hermafrodita a que chamão — *CHOLERA MORBUS*!....

Cholera Morbus no Rio de Janeiro?

— Carapetão, leitores: mercé de Deos não passa de um sonho.

A respeito de *Crimea* tivemos notícias fresecas: as mais importantes são os feitos d'armas de ambas as partes belligerantes. Os russos *ocuparam* Sebastopol depois de um renhido combate, e os Aliados *conquistaram* com o denodo que lhes é proprio as fortificações Anglo — Francesas.

Faleceu o senador Manuel Alves Branco, então visconde de Caravellas, foi mais uma gloria do Brazil que se apagou do horizonte politico; que desapareceu ao contacto da morte. Morreu pobre mas o seu nome sem macula, vale por muitos thesouros.

Dispomos o lucro e vamos ao prazer.

— O *Cassino Militar* deu o seu baile no dia 14 do corrente. Sem estar muito concorrido, havia escolhida reunião. Muitos rostos bonitos realçando por entre tantos outros feios, como rozas que desabrochão no meio de outras que morenbão; fizerão-me ter inveja dos poetas.

Os velhos e as matronas morrião de inveja pela mocidade que lhes trazia a reminiscencia as suas eras passadas; e o batalhão de rezerva na França de entrar em serviço activo, esperava....

Um baile leitores é o purgatorio das matronas que querem passar por moças, o inferno dos pais de familia; e o paraíso dos namorados.

Vós outros que o frequentais, dizei-me se eu tenho razão....

Tratemos de theatros. *O do Gymnasio* continua a dar quinio no de S. Pedro, e o enredo deste dorme ainda a somno solto; — melhor para ambos.

O Lyrico — permanente, continua como d'antes: é a mesma arena de gladiadores. *Charte — Casanova*, disposos a reformarem as musicas pelos *centos* das palmas e *sustentos* dos pés.

A Senhora *Lugrécia* que em breve vai estrear, talvez modifique os partidos, e teremos uma nova bandeira levantada por campeões que militario nas duas fraccões que compõem o todo do theatro lirico.

Quem for vivo verá.

E agora leitores, quem havia de pensar que todos estes conhecimentos que venho de revelar-vos, forão esquecidos pelo aparecimento da nova lei que se discute sobre as — incompatibilidades, e eleições por circulos?

Quanto a primeira parte sou obrigado a confessar-vos que volto contra. A calhegoria de revisteiro é incompativel com o meu emprego e por isso não lhe posso dar o meu voto. Demais eu conheço algumas pessoas que acumulão *tres empregos diversos* e ainda lhes resta tempo para pedir accões, ir aos theatros, aos bailes e concertos, sem faltar nas horas que gastão a conversar com os amigos.

Mas o que é para admirar, leitores, é que eu seja um decidido Sectario da segunda parte — Eleições por circulos.

E por que não! — Acaso não me dá ella a esperança de ser deputado um dia?....

E que facil que é uma candidatura agora!....

Oh! heide ser deputado leitores — e também vós, se o quizerdes....

— E tenho feito a minha estréa.